



FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O QUE A EVIDÊNCIA CIENTÍFICA NOS ENSINA SOBRE O PROFESSOR EM SALA COMUM

Silbeiny Karyn Camargo¹

¹Pedagogia – UniCV – Centro Universitário Cidade Verde

karynsilbe@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4574905389633604>

Gabriela Romão de Almeida Carvalho Santos²

²Enfermagem – UNEB – Universidade do Estado da Bahia

enfpesquisadora@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4246636996667521>

AT08: Gestão Educacional e Formação Docente.

Introdução: A educação inclusiva não se dá só pela norma que garante a vaga. Ela exige um docente que saiba o que fazer com a diferença quando está à sua frente. A formação docente, inicial e contínua, é um nó crítico entre direito e inclusão real. Estudos nacionais e internacionais mostram que docentes de classes comuns têm receio e atitudes ambíguas ante alunos com deficiência ou transtornos do neurodesenvolvimento, e indicam que o problema não está no docente, mas no sistema que o formou. **Objetivo:** Analisar os achados científicos sobre as *gaps* formativos de professores de classes comuns para a inclusão de alunos com deficiência ou transtornos do neurodesenvolvimento na educação básica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa nas plataformas PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), com recorte temporal de 2016 a 2026, usando os descritores: “Educação Inclusiva” AND “Inclusão Escolar” AND “Docentes” e “Autism Spectrum Disorder” AND “Teachers” AND “Inclusive Education”. Foram incluídos 15 artigos entre estudos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos, que abordam atitudes, autoeficácia e práticas docentes frente à inclusão escolar, excluindo estudos clínicos, com análise por síntese temática. **Resultados:** Três eixos surgiram. O primeiro aponta que professores com formação em educação especial tiveram atitudes positivas, enquanto os sem preparo tenderam ao ceticismo, em qualquer país. O segundo mostra que a autoeficácia docente foi o fator mais associado a práticas inclusivas efetivas, sobre o saber teórico. O terceiro aponta a Terapia Ocupacional como parceira relevante. As intervenções conjuntas alargaram o repertório e elevaram a participação de alunos com transtornos do neurodesenvolvimento. **Conclusão:** Formar para incluir é criar, junto ao professor, a confiança de que a diferença é real. A formação contínua ao articular teoria, apoio prático e trabalho conjunto transforma atitudes e amplia a autoeficácia docente. Tal avanço exige que a formação saia do evento isolado e passe a ser política contínua nas escolas.

Palavras-chave: Docentes; Educação Inclusiva; Inclusão Escolar.